UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES

PATRÍCIA GOMES MENDES

VIVÊNCIAS DE RACISMO NA VIDA ESCOLAR DE MENINAS NEGRAS

SÃO FRANCISCO DO CONDE
2017

PATRÍCIA GOMES MENDES

VIVÊNCIAS DE RACISMO NA VIDA ESCOLAR DE MENINAS NEGRAS

Trabalho de Conclusão de Curso – Modalidade Projeto de Pesquisa – apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Profa. Dra. Claudilene Maria da Silva.

SÃO FRANCISCO DO CONDE
2017

Patrícia Gomes Mendes

VIVÊNCIAS DE RACISMO NA VIDA ESCOLAR DE MENINAS NEGRAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em, 22/12/2017

BANCA EXAMINADORA

Claudilene Silva

Profa. Dra. Claudilene Maria da Silva (Orientadora)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Profa. Dra. Maria Cláudia Cardoso Ferreira
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ricardo Matheus Benedicto
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Dedico este trabalho a minha mãe Rosilene, meu pai Djalma e a minha irmã Simone, que estão sempre comigo me ajudando e fortalecendo a minha caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a paciência e compreensão da minha orientadora Claudilene Maria Silva.

Às minhas amigas que estiveram ao meu lado nesse percurso.

Agradeço a Unilab pelo conhecimento adquirido e pela oportunidade de participar de um projeto pioneiro de integração entre Brasil e África, que está afirmando e fortalecendo a minha identidade.

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO**	7
2	**OBJETIVOS**	11
2.1	OBJETIVO GERAL	11
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
3	**JUSTIFICATIVA**	12
4	**FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**	14
4.1	A PRODUÇÃO DAS DIFERENÇAS NO ESPAÇO ESCOLAR	14
5	**PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**	16
6	**LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO**	18
7	**CRONOGRAMA**	19
	REFERÊNCIAS	20

1 INTRODUÇÃO

Durante o meu processo de formação acadêmica na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) percebi a importância de discutir ativa e efetivamente questões que advogam a favor do reconhecimento étnico racial da população negra e contra o processo discriminatório contra essa população que é perverso na sociedade brasileira.

O racismo epistêmico permeia as relações sociais, políticas e educacionais no nosso país de forma muito sutil, pois este opera como elemento institucionalizado, estabelecendo hierarquias que silencia, subjuga e desvaloriza a produção cultural e de conhecimento do "outro" (CARNEIRO, 2005).

No espaço escolar ou fora dele, as meninas negras são constantemente alvos de brincadeiras maldosas, pois com um referencial hegemônico branco, que estabelece padrões estéticos de beleza determinados para a sua aceitação na sociedade, acabam por internalizar, no contexto escolar, a ideologia do racismo, que as impedem de aceitar-se e valorizar-se enquanto negras. Historicamente a construção da identidade da mulher negra na sociedade baseia-se em anseios políticos e sociais que estabelece ao corpo negro feminino características tidas como exóticas, folclóricas, carnavalescas, propícia ao sexo, e etc.

E na escola, principalmente em relação ao cabelo, as meninas são as maiores vítimas desse preconceito, são apelidadas de "cabelo de bombril", "cabelo duro" entre outros apelidos que as fazem desgostar de sua imagem e suas trajetórias ficam comprometidas negativamente. Então dentro dessa reflexão busco compreender como as vivências do racismo no espaço escolar tem atingido as meninas negras, com maior atenção, no ensino fundamental da rede pública municipal de São Francisco do Conde.

Como salienta a pedagoga e mestre em educação Carolina de Paula Teles Duarte, em depoimento no site do CEERTE:

> O papel da escola para melhor acolher e formar meninas negras que sofrem muitas vezes com a tripla discriminação (de gênero, de raça e de classe) deve ser de contemplar essas questões tanto no seu projeto pedagógico quanto em sua prática pedagógica (DUARTE, 2013).

A partir do contato com leituras referentes a este assunto percebi o quanto é importante debater acerca de um tema que ainda requer muita análise. O tema escolhido para este projeto é pois, como as vivências do racismo, principalmente no ambiente escolar promove efeitos negativos no aprendizado e na vida escolar das meninas negras. Consideramos que é na infância que muitas das nossas construções enquanto sujeitos são internalizadas e certamente influenciará as nossas relações futuras (SILVA, 2010).

Nos últimos anos, as instituições de pesquisas vêm desenvolvendo dados importantes sobre a situação e as condições das crianças negras, no entanto, estudos específicos com um recorte de gênero, ainda são incipientes. (TRINIDAD, 2013), destaca a importância de debater sobre o racismo no ambiente escolar, pois este é um tema que não se esgota. De acordo com a autora, a população negra está exposta cotidianamente as problematizações provocadas pelo racismo, com exemplos diários dos estereótipos que a ela foram incutidos historicamente.

Quanto a este ponto, Matilde Ribeiro (2013, p.24) afirma que:

> A invisibilidade imposta às mulheres, aos negros e às mulheres negras é constituída historicamente, a partir de diferentes padrões de hierarquização no campo das relações de gênero e raça, que mediadas pela classe social, produzem profundas exclusões.

Sabemos que esta é uma ideologia que foi propagada árdua e violentamente pelos colonizadores europeus. Estes se colocaram como raça superior para justificar as suas ações discriminatórias, fazendo surgir a racialização da população negra, que como escravizados foram subjugados a um papel inferiorizado (CARNEIRO, 2005). E como herança deste processo colonial restou a nós, população negra, carregar as marcas das desigualdades que atingem, de forma agressiva, os descendentes de escravizados.

Discutindo a situação específica das meninas Trinidad (2013) afirma que o futuro das meninas negras, pequenas, somente poderá estar garantido e transformado, se os investimentos em políticas públicas preventivas, entre outras, de moradia, de saúde, de educação, forem eficazes.

Para aprofundar o debate sobre o racismo no espaço escolar utilizamos obras que são referência na área e que nos ajudaram a fazer um panorama da

problemática proposta, como Cavalleiro (2003,2005), Silva (2013), Munanga (2005), entre outros.

O racismo no espaço escolar é discutido no livro Superando o Racismo na Escola (2005), pois os autores reunidos nesta coleção organizada por Kabengele Munanga, comungam das mesmas opiniões quanto ao estudo dos impactos do racismo no ambiente escolar, que afeta principalmente as crianças negras.

Neste livro são abordados os estereótipos e preconceitos que são criados dentro da escola que fazem com que meninos e meninas negras acabem saindo da instituição escolar por falta de representatividade e por não se sentirem protegidos quanto à discriminação presente neste ambiente.

De acordo com Munanga (2005) o despreparo de docentes e os materiais didáticos ainda disponíveis explicam, em parte, os altos índices de repetência e evasão de estudantes negro, se comparado aos estudantes brancos.

Para o autor:

> o preconceito incutido na cabeça do professor e sua incapacidade em lidar profissionalmente com a diversidade, somando-se ao conteúdo preconceituoso dos livros e materiais didáticos e às relações preconceituosas entre alunos de diferentes ascendências étnico-raciais, sociais e outras, desestimulam o aluno negro e prejudicam seu aprendizado (MUNANGA, 2005, p.16).

Como lembra Silva (2013), as crianças negras, não se sentem acolhidas no espaço escolar. Não se reconhecem nesse espaço. Assim, ao não trabalhar a identidade de crianças negras de forma positiva, a escola termina por negar essa identidade. Quando a identidade é negada, a criança não se vê representada em instrumentos pedagógicos como o livro didático, ela não só se sente como e é inferiorizada, logo a comunidade escolar precisa estar atenta a essa grave situação. Por que quando essa criança não acessa uma educação que contemple a diversidade concluirá a educação básica reproduzindo e cercado de estereótipos negativos sobre o sujeito negro.

Percebemos assim, que as vivências do racismo interferem no desenvolvimento da aprendizagem e na evasão escolar de crianças negras (SILVA, 2010). De fato, a comunidade negra é a mais impactada pela evasão escolar e repetência, situação agravada e fortalecida por currículos eurocentrados, que não pensa a população negra como protagonistas de suas próprias histórias. E a cada

nova pesquisa referente ao assunto apontam a desigualdade racial e as diferenças étnicas como contributo para esta realidade.

Dados do estudo “Participação, Democracia e Racismo?”, divulgado em outubro de 2016, pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), apontam entre outras informações, que a cada três assassinatos no Brasil, dois negros são vítimas e os assassinatos atingem negros numa proporção 135% maior do que os não negros. Segundo o relatório "Crianças fora da escola 2012" para o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), crianças e adolescentes negros, entre 6 e 14 anos, são maioria no trabalho infantil, e esta é uma causa importante para o abandono escolar.

Percebemos, portanto, que questões de gênero, raça e socioeconômicas são elementos intrínsecos na relação de opressão contra a população negra no Brasil. A violência simbólica exercida no ambiente escolar impõe aos estudantes negros estereótipos negativos visando a exclusão desses sujeitos através estratégias de opressão. E na escola ainda estão presentes materiais pedagógicos que reforçam os ideais racistas.

Em sala de aula, o livro didático, é um dos instrumentos do processo de socialização, que mediado pelo professor, serve de apoio às atividades realizadas pelos alunos. A função do livro didático é auxiliar o professor na tarefa de transmitir o saber historicamente acumulado pela sociedade, ajudando a democratizar e socializar o conhecimento elaborado, bem como abrir a possibilidade de crítica dessa herança e criação de novos saberes por parte dos educandos (SILVA, 2005).

Lembra a autora que:

> O livro didático ainda é, nos dias atuais, um dos materiais pedagógicos mais utilizados pelos professores, principalmente nas escolas públicas, onde, na maioria das vezes, esse livro constitui-se na única fonte de leitura para os alunos oriundos das classes populares. (Silva,2005 p.22).

Todavia, esse instrumento ainda não apresenta uma imagem positiva do negro, pois seus conteúdos estão associadas a imagem depreciativa dos negros em relação aos brancos, baseados nas ideologias racistas dando aos negros visibilidade negativa, inferiorizante (SOUSA, 2005 p.109), por exemplo crianças negras em situação de rua, ou realizando trabalhos manuais. E quando se refere ao papel

feminino, estas são colocadas como empregadas domésticas, ou em profissões que elas cuidam de outras pessoas, como babás ou enfermeiras.

O modo como a criança é tratada nos primeiros anos de vida tanto pela família quanto pela sociedade em geral determina o desenvolvimento da sua autoestima, logo não se deve negligenciar os mecanismos de inferiorização que determinados grupos raciais sofrem. Então, questionamos: como as vivências do racismo no espaço escolar afetam a vida escolar de meninas negras? Como essas meninas percebem o racismo neste espaço? Quais são as possibilidades de trabalhar a questão racial de forma específica com as meninas e como a escola pode tratar essa questão?

Para responder tal questão, partimos do pressuposto de que o racismo interfere diretamente na vida escolar, e por tanto, no desenvolvimento da aprendizagem de meninas negras. E a escola deve trabalhar a partir da percepção da necessidade de desconstruir a suposta inferioridade negra e superioridade branca, que ainda orientam as práticas escolares em função do racismo que organiza a sociedade brasileira. E construir projetos pedagógicos que levem em consideração a aprendizagem de todas as crianças, em suas especificidades, indistintamente.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar como as vivências do racismo afetam a vida escolar de meninas negras na cidade de São Francisco do Conde.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Abordar a representação feminina no processo sócio histórico de construção do racismo no Brasil;

- Identificar situações de discriminação racial vivenciadas por meninas negras no ambiente escolar;

- Compreender como as marcas provocadas por vivencias de racismo no espaço escolar afetam a vida escolar das meninas negras.

3 JUSTIFICATIVA

A questão racial no Brasil é um tema sempre atual e passível de debates, pois o racismo está presente em todas as relações sociais, e não diferentemente na escola, que é o espaço de formação que refletirá no progresso educacional. Esses são alguns motivos relevantes para se fazer uma reflexão de como o racismo existente no âmbito educativo implica na autoestima e, por conseguinte, influência na vida escolar das meninas negras.

A situação de discriminação a qual as meninas estão expostas são observadas no espaço escolar quando analisamos aspectos como gênero, raça, cor e condição social, são elas quem mais sofrem com essa situação (GOMES, 1996). A discriminação que meninas negras sofrem no espaço escolar são percebidas quando olhamos para suas relações nesse ambiente: conviver com apelidos vexatórios que causam baixa autoestima, isolamento afetivo, falta de interação, baixo rendimento educacional etc.

Em São Francisco do Conde essa situação não é diferenciada. Cidade do estado da Bahia, está localizada na região metropolitana de Salvador e é banhada pela Baia de Todos os Santos. A cidade possui mais de 90% da sua população autodeclarada como pretos e pardos, segundo dados do Censo divulgado em 2010, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE). Todavia, o contato com a população da cidade nos permite afirmar que boa parte dessa população não se reconhece como negra.

Durante o ano de 2017 a cidade foi palco de discussão acerca da manifestação cultural Nega Maluca, onde ocorreu uma ação pensada pela secretaria de educação local, intitulado Projeto Voarte, que em uma de suas atividades de valorização da cultura local colocou meninas fantasiadas do personagem caricato e racista nega maluca. A situação dividiu a cidade: gerou revolta por parte de ativistas e estudiosos do tema, assim como a defesa da situação por parte de alguns moradores. Os primeiros se posicionaram contra a atuação da secretaria de

educação, entendendo que a instituição deveria repensar os estereótipos racistas, e, entretanto, acabou por agir contrariamente à demanda da Lei nº 10.639/03. O segundo grupo compreendia que a manifestação cultural, não estimulava o racismo e, portanto, deveria ser mantida.

Acompanhamos o desenrolar dos debates e consideramos importante destacar que o papel da escola deve ser combater todas as formas de discriminação, de forma que os sujeitos nela envolvidos construam identidades positivas de si.

A escola, por ser uma instituição social, não está alheia as práticas de exclusão e discriminação, por isso faz-se necessária a participação de toda a sociedade em debater e ajudar a transformar as pessoas e instruí-las para diminuir e superar práticas racistas. Assim é primordial a elaboração e aplicabilidade de políticas públicas educacionais, que contemple gênero e raça para o enfrentamento das desigualdades étnico-racial, cultural e de gênero (SILVA, 2013).

Por isso a promoção da igualdade deve ser papel da escola, para que se tenha professores comprometidos e para que os estudantes se tornem mais tolerantes e tomem consciência e respeitem a diversidade cultural, racial e étnica, que compõe a sociedade. Logo é de extrema importância que a escola se reconheça como espaço que deve construir outras práticas que desmistifiquem os estereótipos ligados a diversidade que compõe a história da população negra.

Compreender como as vivências do racismo afetam a vida escolar das meninas negras poderá contribuir para que a escola e seus profissionais possam atuar para reconhecer os mecanismos de discriminação presente no espaço escolar para e proteger a futura geração de mulheres negras de São Francisco do Conde, dessas vivências. Pode colaborar assim, para que a infância e juventude de outras meninas negras sejam menos traumáticas e cercadas de estigmas associados a população negra.

4 FUNDAMENTAÇÂO TEÓRICA

4.1 A PRODUÇÃO DAS DIFERENÇAS NO ESPAÇO ESCOLAR

Para a fundamentação deste projeto busquei analisar, as produções de autoras como: Eliane Cavalleiro (2003), Guacira Louro (2003), Nilma Gomes (2002), Claudilene Silva (2013) que elaboram trabalhos versam a respeito da produção das diferenças e as relações étnico-raciais no espaço escolar. Em algum momento de suas análises, as autoras percebem que é na infância que se constrói a autoimagem e que crianças levarão para o resto da vida, principalmente as meninas, ainda que as autoras não tratem diretamente do assunto voltado apenas paro o universo feminino.

Guacira Louro (2003) adverte sobre as a construção escolar das diferenças onde o sexismo neste ambiente pode provocar intensas distorções principalmente sobre o corpo feminino e suas representações. Como bem salienta a autora, "diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso" (LOURO, 2003, p.57). Visto que a nossa sociedade luta a muito tempo por afirmação do papel dos negros, mulheres e atualmente dos LGBT na condição de protagonistas sociais, é difícil entender como ainda existem pessoas que perpetuam o racismo e o sexismo, levando em conta que várias conquistas já foram adquiridas com muito esforço.

Claudilene Silva (2013), avalia em suas pesquisas que o processo de construção de identidades de professoras negras está intimamente relacionado ao seu próprio processo de reconhecimento identitário que tem como efeito práticas pedagógicas e curriculares de enfrentamento ao racismo no ambiente escolar. A autora afirma que a literatura já disponível sobre a temática da educação e relações étnico raciais tem colocado em foco as desigualdades de oportunidades que o povo negro enfrenta, em função da disparidade educacional que o separa da população branca (SILVA, 2013).

Aponta que a percepção do pertencimento étnico racial, para a maioria das professoras envolvidas em sua pesquisa, leva as profissionais a recordarem sua infância, pois é nesse momento que são internalizas a inferioridade. " A vivência de situações de discriminação durante a infância é atribuída às características

fenotípicas: cabelo e cor da pele. E de modo geral, ganham relevância uma vez que advêm todas do espaço escolar" (SILVA, 2010 p.128).

Ainda de acordo com Silva (2010), quando se fala em meninas:

> as histórias das professoras nos revelam a violência simbólica que atinge as meninas negras cotidianamente no espaço escolar. Embora essa discriminação e o preconceito étnico-racial sejam vivenciados por todas as crianças negras, destacamos as meninas em função de que a incidência de relatos e também a literatura informam que são elas que estão mais expostas às discriminações que poderão causar danos quando tornarem-se mulheres negras. (...) (SILVA, 2010, p.130)

Eliane Cavalleiro (2003), em seu livro "Do silêncio do lar ao silêncio escolar" faz uma problematização, ao observar a relação diária com crianças de 4 a 6 anos que apresentavam identidade negativa em relação ao seu grupo étnico, gerando questionamentos acerca do silêncio do professor, o silêncio da criança e o silêncio do contexto da família frente a situações discriminatórias.

Finalmente, Sueli Figueiredo Martins (2005), discutiu a identidade de meninas negras através de atividades lúdicas, principalmente dos contos infantis, uma grande contribuição para o estudo do comportamento das meninas negras em relação ao racismo no ambiente escolar. Martins constatou que as meninas constroem suas identidades a partir de traços estéticos, como por exemplo a valorização do cabelo liso. "A vivencia da fantasia (de ser branca) ..., fazem com que essas meninas continuem na ilusão de que podem acrescentar a si elementos que as tornem mais acessíveis." (MARTINS, 2005, p.115)

O silêncio da escola em relação ao racismo e preconceito colabora para que as crianças tenham uma percepção de si e dos outros totalmente distorcida. As brancas, por sentirem que estão acima das negras, e as negras, abaixo das brancas (MARTINS, 2005). A pesquisadora percebeu que apesar das vivencias cotidianas do racismo, essas meninas entendem sobre a questão e valem-se de elementos próprios para reafirma-se, embora sejam influenciadas pelos adultos que as circundam no dia a dia.

As pesquisas levantadas são importantes para o estudo, pois observa e compreende a ação cotidiana de diversos profissionais no trato com crianças negras de escolas públicas de Educação infantil e Fundamental. Quanto a desigualdade e discriminação racial, evidencia-se as reivindicações históricas empreendidas pelo Movimento Negro que obteve êxito por meio da aprovação da Lei nº 10.639/03,

pressionando o Estado brasileiro para formular projetos no sentido de promover políticas e programas de reparação para a população negra, e valorizar a história e a cultura do povo negro.

No ambiente escolar, as meninas negras estão propensas a passar por situações diversas e conflituosas quanto as questões das diferenças que são externadas por outras crianças e sem a percepção do problema essas meninas serão excluídas por ser negra e por apresentar caraterísticas específicas, como por exemplo o cabelo crespo (GOMES, 2002). As ações discriminatórias que se dão com estudantes negras e negros os estigmatizam e marcam suas trajetórias.

Como afirma Silva (2009, p. 18) “a construção identitária da população negra no Brasil é prejudicada pelo racismo e pelo silenciamento que estruturou as relações étnico-raciais aqui estabelecidas”. E a escola também é uma das instituições sociais que contribui para a formação da identidade dos indivíduos.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Na busca pela obtenção da resposta a questão proposta, a pesquisa a se realizar segue com a abordagem qualitativa, "por considerar que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números" (MENEZES, 2005, p.20).

Compreendemos que nosso objeto de estudo exige que realizemos uma convivência no espaço escolar. Assim, faremos uma pesquisa de cunho etnográfico, pois na educação, fazer etnografia é dar voz a uma minoria silenciosa, abrindo caminhos de um mundo desconhecido para inclusão dos sujeitos na escola, na vida social, no mundo da existência solidária e cidadã, estando no mundo do outro. (MATTOS, 2011, p.45)

Com o intuito de compreender a realidade de ensino e aprendizagem e as interferências do racismo no cotidiano escolar de meninas negras, escolhemos analisar estas vivências em uma escola pública municipal, da cidade São Francisco do Conde, com meninas do 5º ano do ensino fundamental 1, por considerar que essas meninas com idade entre 10 a 12 anos poderão entender e participar melhor da proposta da pesquisa.

Para nos aproximar da discussão optamos por realizar uma pesquisa de caráter exploratório e descritivo, buscando a familiaridade com a temática proposta através dos levantamentos bibliográficos.

Para a pesquisa de campo, a principal estratégia será a observação do espaço escolar. Para mapear e entender a concepção das dinâmicas na escola, e para dar dimensão do problema na prática faremos o levantamento de dados que, de acordo com Marconi e Lakatos (2003), é necessário para nos orientar diante das possibilidades da pesquisa, indecentemente dos métodos definidos, que ocorrerá da seguinte maneira: 1 - Observação do espaço escolar – uma escola de ensino fundamental, em São Francisco do Conde; 2 – Entrevistas com meninas negras. Com a realização de entrevistas, a partir de critérios pré-estabelecidos, tais como: Idade, série, auto declaração como negra.

6 CRONOGRAMA

O cronograma para elaboração e realização deste projeto ocorrerá baseado em dois semestres letivos. Em duas etapas de cinco meses, respectivamente, cujas atividades estão expostas no quadro abaixo:

	I semestre					**II semestre**				
ETAPAS	1º Mês	2º Mês	3º Mês	4º Mês	5º Mês	6º Mês	7 º Mês	8º Mês	9º Mês	10º Mês
Estudo Bibliográfico	**X**	**X**	**X**							
Coleta de informações		**X**	**X**	**X**	**X**					
Organização e análise dos dados				**X**	**X**	**X**				
Organização do texto						**X**				
Elaboração do trabalho final						**X**	**X**			
Revisão e redação final								**X**		
Entrega da monografia									**X**	
Defesa da monografia										**X**

7 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Para ter um panorama sobre as relações étnico-raciais na educação, realizaremos um levantamento da produção do GT 21 da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), e também utilizaremos as obras de autores e autoras que pesquisam a área de educação, além de artigos, publicações em revistas especializadas, entre outras referências, tais como:

ABRAMOWICZ, Anete. GOMES, N. L. (org.) **Educação e raça perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas**. Belo Horizonte: Autêntica. 2010.

BRASIL. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais.** Brasília: Secad/ Ministério da Educação, 2006.

FERREIRA, AJ., org. **Relações étnico-raciais, de gênero e sexualidade: perspectivas contemporâneas** [online]. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2014, 182 p. ISBN 978-85-7798-210-3. Disponível em SciELO Books <http://books.scielo.org>.

IPEA, **Atlas da violência 2017.** Rio de Janeiro, Junho de 2017. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br>

SANTANA, Patrícia Maria de Souza. "**Educação infantil". In: Orientações e ações para educação das relações étnico-raciais** (2006). Brasília: SECAD, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.

SILVA Jr., Hédio. **Discriminação racial nas escolas: entre a lei e as práticas sociais**. Brasília: UNESCO, 2002.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam, CASTRO, Mary Garcia. **Relações raciais na escola: reprodução de desigualdades em nome da igualdade** / coordenação de Miriam Abramovay e Mary Garcia Castro. — Brasília: UNESCO,

BENTO, Maria Aparecida Silva (Org.). **Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais.** São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, 2012.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília, 2005.

_____. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003a. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira"**, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues, A Educação como Cultura. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasi**l - São Paulo: Selo Negro, 2011.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil.** 3. Ed. – São Paulo: Contexto, 2003.

CHAUÍ, Marilena. **"Brasil: Mito Fundador e Sociedade Autoritária"**. Ed. Perseu Abramo, 2000.

GOMES, Nilma L. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?** In: Revista Brasileira de Educação*.* Campinas: Autores Associados, v. 21, 2002. p. 40-51.

GIL, Antônio Carlos*.* **Como elaborar projetos de pesquisa**. 2. ed. SP: Atlas, 1991.

GROSFOGUEL, R. **A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI.** Rev. Sociedade e Estado- Volume 31 Número 1 Janeiro/ Abril 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00025.pd - Acesso em: 21-11-2017.

HENRIQUES, Ricardo. **Raça e gênero no sistema de ensino: os limites das políticas universalistas na educação –** Brasília: UNESCO, 2002.

INEP, **Observatório de Violências nas Escolas**, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** 6a. ed. Petrópolis: RJ.: Vozes, 2003.

LOPES, Helena Theodoro (org.) Negro e Cultura no Brasil. Rio de Janeiro REVAN / UNESCO 1987.

MATTOS, C. L. G. **Estudos etnográficos da educação: uma revisão de tendências no Brasil.** In: MATTOS, C. L. G., CASTRO, P. A., orgs. Etnografia e educação: conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. Autores. 298 p. ISBN 978-85-7879-190-2. Disponível em SciELO Books: <http://books.scielo.org>. Acesso em 01/12/2017.

MENEZES, Estera M., SILVA Edna L. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. - 4. ed. rev. atual. - Florianópolis: UFSC, 2005.

MUNANGA, Kabengele(Org.) **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

RIBEIRO, Matilde. In: **Relações de gênero, raça, classe e identidade social no Brasil e na França**/ organização Antônia dos Santos, Afrânio Raul Jr. - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013.

SILVA, Claudilene. **Professoras Negras:** identidades e práticas de enfrentamento do racismo no espaço escolar. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013 (Coleção Etnicorracial).

_____. In: **Educação, escolarização e identidade negra: 10 anos de pesquisa sobre relações raciais no PPGE/UFPE/** org. Eliete Santiago, Delma Silva, Claudilene Silva. - Recife: Ed. Universitária de UFPE, 2010.
Meninas negras valorizam características. Disponível em: portal.aprendiz.uol.com.br/content/meninas-negras-valorizam-características-brancas- 31/07/2007. Acessado em 07/12/2017.